

# UMA CARREIRA COMO ASSASSINO

DOMINGO  
10/1/82

Um alto oficial da PIDE suspeito de estar envolvido no assassinato de Eduardo Mondlane encontra-se a residir na África do Sul, onde está ligado à autodenominada Resistência Nacional Moçambicana, MNR.

MONDLANE



Trata-se de Casimiro Emérico Rosa Teles Jordão Monteiro, um assassino profissional nascido em Goa, em 1920.

Monteiro foi condenado a 28 anos de prisão por um tribunal português em Julho passado, depois de se ter provado o seu envolvimento no assassinato do dirigente antifascista português Humberto Delgado, em Fevereiro de 1965. Na altura, desconhecia-se o seu paradeiro, pelo que foi julgado à revelia.

Contudo, domingo passado um jornal sul-africano, o «Sunday Times», revelou que Monteiro vive em Joannesburg desde 1975, sob uma falsa identidade.

Um repórter do jornal foi citado por vários membros do MNR e proeminentes oficiais da PIDE como tendo tentado obter uma entrevista com o assassino. Contudo, diz o jornal, Monteiro recusou-se a conceder uma entrevista face a face, alegando que isso poderia comprometer a identidade que assumiu desde que começou a viver na África do Sul.

O segredo à volta de Monteiro torna difícil conhecer a sua posição na hierarquia do MNR. Mas o governo sul-africano, que controla o MNR, valoriza grandemente o profissionalismo e Monteiro é um assassino extremamente profissional.

Monteiro iniciou a sua carreira como mercenário ao lado dos fascistas de Franco na guerra civil espanhola e parece ter trabalhado depois em Goa como assassino profissional. Em 1964 foi levado para Lisboa e encarregado de um assassinato, mas foi interceptado pela PIDE, que lhe deu trabalho em Dezembro desse mesmo ano.

Existem acusações de que trabalhou para a Inteligência Britânica na Índia, durante a Segunda Guerra Mundial. Mas a única prova existente da ligação entre Monteiro e a Grã-Bretanha é a que refere que Monteiro é procurado pela polícia em Londres, sob o nome de Emer Ullah, suspeito de assassinato.

Monteiro, um homem com um bigode negro, ficou na História ao disparar três tiros sobre a cabeça do dirigente antifascista português Humberto Delgado, em 1965, na Espanha. Poucos minutos depois ele assassinou a secretária de Delgado, Arajarer Campos, uma brasileira.

Foi então enviado pela PIDE para Moçambique, onde se tornou notável como líder dos «Fiechas», um grupo especial de Comandos.

Em Fevereiro de 1969, Eduardo Chivambo Mondlane, o primeiro Presidente da FRELIMO, foi morto por uma bomba armadilhada num livro, em Dar-Es-Salaam. As pilhas da

bomba, de fabrico japonês, vieram da Casa Pfaf, em Maputo, então Lourenço Marques.

Agentes inimigos infiltrados na FRELIMO em Tanzania estiveram provavelmente implicados no assassinio, mas a operação foi montada pela PIDE.

Existem indicações de que Casimiro Monteiro foi o oficial da PIDE encarregado da operação. A ligação foi estabelecida por António de Figueiredo, representante de Humberto Delgado em Londres depois que Delgado foi forçado a exilar-se, em 1959. Figueiredo trabalhou como um jornalista antifascista na Inglaterra até à queda do fascismo em Portugal, em Abril de 1974. Regressou então para Portugal e foi-lhe dado acesso aos processos da PIDE descobertos pelo Movimento das Forças Armadas.

Em Janeiro de 1975, Figueiredo escreveu no «Sunday Times», de Londres: «Existem evidências indirectas de que ele (Monteiro) enviou a bomba que matou Eduardo Mondlane em Dar-Es-Salaam, em 1969».

Figueiredo terminava o seu artigo salientando que o Movimento das Forças Armadas enviara oficiais a Lourenço Marques para prenderem Monteiro. «Mas ele foi alertado e, antes de os oficiais chegarem, fugiu, deixando apenas rumores atrás de si. O mais recente desses rumores sugere que ele pode estar na América. Presumivelmente ele pretende prosseguir a sua carreira».

Casimiro Monteiro, subinspector da PIDE, natural de Pangim, Goa, retomou agora a sua carreira. Estabelecido na África do Sul, dirigindo elementos da autointitulada «Resistência Nacional Moçambicana».

IAIN CHRISTIE  
(Especial para Domingo)